

Elaha desea tener vaginas alemanas

En una noche robada en una discoteca, lejos de las miradas de sus familias, Elaha (Bayan Layla) y sus amigas finalmente se sienten lo suficientemente libres como para decir lo indecible. Aunque las chicas nacieron y se criaron en Alemania, forman parte de una comunidad germano-kurda unida que tiene ciertas expectativas sobre cómo debe comportarse una joven mujer. Por ejemplo, el sexo antes del matrimonio está prohibido. La madre de Elaha (Derya Durmaz) afirma que preferiría que su hija estuviera muerta que desflorada. Lo que es un problema para Elaha, quien está investigando en secreto y con urgencia las opciones para la reconstrucción quirúrgica del himen en preparación para su matrimonio con un atractivo y carismático pero profundamente conservador hombre kurdo.

Los tabúes en torno al sexo están profundamente arraigados. Si bien Elaha sabe que su mejor amiga es sexualmente activa, nunca se atrevería a plantear el tema directamente. Encuentra una confidente en otra parte, en su pacífica y pesadamente embarazada maestra (Hadnet Tesfai), quien sugiere que las cuestiones de "honor" son menos importantes que el problema fundamental: "¿Eres la mujer que quieres ser?"

Las películas que exploran temas de autonomía corporal de las mujeres no son raras - prácticamente cada otra película de terror en este momento parece tener una obsesión macabra con el sistema reproductor femenino. Pero este debut prometedor de la directora armenia-nacida Milena Aboyan sobresale, explorando el tema, y la complejidad enmarañada de la identidad cultural de Elaha, con sensibilidad, energía vibrante y una mano segura en la dirección. En el papel protagonista, la magnética e intrépida Layla es un descubrimiento, equilibrando hábilmente el amor de Elaha por su familia y su orgullo kurdo contra las restricciones que se le imponen por todo y por todos los seres queridos.

promoción de boletín desperdiciada

Deixando os fones de ouvido de lado: uma experiência de conscientização

Hoje **bet vem** dia, sair de casa sem os fones de 3 ouvido conectados ao meu smartphone me causava ansiedade. Qualquer período de tempo, seja um breve passeio à loja ou uma 3 longa viagem de transporte público, me deixava nervoso se tivesse que me contentar com apenas os meus próprios pensamentos e 3 o barulho da cidade.

Essa relação quase compulsiva com meus fones de ouvido passou despercebida para mim até o início deste 3 ano, quando um amigo, o artista de som ambiente Lance Laoyan, me chamou a atenção para o fato de que 3 os fones de ouvido não apenas nos desconectam da poluição sonora, mas também nos mantêm distraídos sob o pretexto de 3 ajudar a nos concentrarmos. Essa conversa me fez refletir sobre a onnipresença dos fones de ouvido **bet vem** nossa cultura e 3 sobre o pouco que prestamos atenção a isso.

Em Manchester, onde moro, é raro ver alguém no centro da cidade *sem* 3 fones de ouvido. Ciclistas, passageiros de ônibus, corredores, todos eles. Em 2024, de acordo com uma pesquisa da Statista, 30 3 milhões de pessoas usavam fones de ouvido, a maioria deles fones de ouvido intra-auriculares Bluetooth, como os AirPods da Apple. 3 Até 2027, é previsto que metade de nós possua fones de ouvido, a maioria entre 25 e 45 anos. Seja 3 música, podcast ou livro falado, muitos de nós optam por sintonizar **bet vem** quase tudo, menos no mundo ao nosso redor 3 quando estamos fora de casa, mas cada vez mais questiono o porquê disso.

Portanto, **bet vem** abril, decidi abandonar meus fones de 3 ouvido por um mês, **bet vem** busca de uma maior consciência de meus arredores e de minha relação com eles – 3 que é dependente, para dizer o mínimo. Eles estavam intrinsecamente ligados à minha rotina diária. Tirar a lixeira, fazer exercícios, 3 lavar louças, escrever, comer almoço, tentar dormir. A única vez **bet vem** que vivi sem eles foi quando a bateria morreu. 3 Era – e significa *nunca* – por escolha própria. A ansiedade que se seguiu, até que pudesse recarregá-los, deveria ter 3 me dito que, no mínimo, estava habituado a eles.

A história dos fones de ouvido

Obviamente, as coisas nunca foram assim. A 3 Sony lançou o revolucionário Walkman **bet vem** 1979, o primeiro dispositivo de escuta pessoal do mundo. Ele veio com fones de 3 ouvido leves e parecia um milagre que a música agora fosse portátil; que você pudesse andar por aí envolvido **bet vem** 3 **bet vem** própria paisagem sonora montada à mão. Os fones de ouvido, neste sentido, são acutamente geracionais, cada um mais sedutor 3 e adictivo do que o último: a Geração X teve seus Walkmans; os milenaristas, seus adorados leitores de MP3 e 3 iPods, que digitalizaram a experiência de escuta pessoal, tornando-a ainda mais fácil de ouvir qualquer coisa, **bet vem** qualquer lugar, **bet vem** 3 qualquer hora. A Geração Z – minha geração – foi amamentada com o smartphone e serviços de streaming. O atrativo 3 de ouvir algo além do mundo ao nosso redor nunca foi mais forte.

A invenção do Walkman não apenas alterou como 3 os seres humanos escutam a música; ele mudou como interagimos com nosso ambiente, com outras pessoas e consigo mesmos. Foi 3 um ponto de virada monumental e, apesar dos estudos que mostraram que o uso de fones de ouvido está acelerando 3 a perda auditiva e até causando mais colisões de trânsito devido às pessoas distraídas, ninguém parece estar questionando isso.

O porquê 3 do uso de fones de ouvido

Uma pessoa que está estudando de perto noss

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: bet vem

Palavras-chave: **bet vem - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-08-04